

A obra de Einstein, um conceito de seleção natural e os estudos latino-americanos nos EUA fazem parte dos temas que serão debatidos nos eventos de maio/junho (leia nas páginas 4 e 5).

O professor Michel Paty (foto), do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS) da França, inicia dia 24 próximo um ciclo de conferências sobre o tema "Einstein, Física, Matemática e Filosofia". Paty diz que a análise do conjunto da obra de Einstein "revela a dimensão filosófica da física".

A Conferência do Mês (dia 10 de maio) será sobre "Mediação Química em Co-Evolução Planta-Herbívoro", com o professor Otto Richard Gottlieb, do Instituto de Química da USP. Nela, Gottlieb explicará porque um conceito de seleção natural não pode ser considerado provado.

O historiador Richard Morse, do Wilson Center (EUA), analisa (dia 28 próximo) como os estudos sobre os países latino-americanos desenvolvidos nos EUA podem servir de modelo ou antimodelo para um projeto de integração da América Latina. Dolores Martin, editora do "Handbook for Latin American Studies", realiza a conferência "Os Estudos Latino-Americanos na Biblioteca do Congresso dos EUA" (dia 11 de junho).

Novo Informativo

A partir desta edição o Informativo Estudos Avançados entra em nova fase. Desde o número anterior a distribuição passou a ser feita pelo próprio Instituto, deixando de circular como suplemento do *Jornal da USP*. Agora complementa-se a mudança com uma reestruturação gráfica que visa tornar a disposição das informações mais clara e atrativa. O formato em três colunas descongestiona as páginas interiores, tornando-as mais leves e de fácil leitura. Outra vantagem são as páginas centrais (4 e 5), exclusivas para a divulgação da programação de atividades do IEA. Elas serão utilizadas também como cartaz, a ser afixado em pontos estratégicos em todos os campi da Universidade.



Em sua primeira conferência do ciclo sobre "Einstein, Física, Matemática e Filosofia", Michel Paty falará sobre a influência da filosofia na invenção da teoria da relatividade restrita.

As eleições no Peru

Como Alberto Fujimori, candidato do Movimento Independente Cambio 90, que tinha 1% das intenções de voto um mês antes do primeiro turno das eleições peruanas, conseguiu no final de abril atingir 51% nas pesquisas eleitorais, ultrapassando o escritor Mario Vargas Llosa, da Frente Democrática? O historiador peruano Enrique Amayo Zavallos, professor-visitante do IEA e ex-aluno de Fujimori, faz uma avaliação do momento político peruano em artigo nesta edição e indica alguns motivos da ascensão do candidato do Cambio 90.

Segundo Amayo, o ecletismo

ideológico do partido de Fujimori pode ser interpretado como centrismo, e esta talvez seja uma das razões de seu sucesso eleitoral num país "onde há anos se travam batalhas — algumas com muitos mortos — em nome de purezas ideológicas de todos os tipos".

Amayo traça um painel das forças políticas envolvidas na sucessão peruana, concluindo que, se o segundo turno confirmar o primeiro, ninguém terá maioria e os partidos terão que dialogar à procura de soluções: "parece ser essa a mensagem dos eleitores, que estão com medo e decepcionados mas querem soluções não-violentas".

Pág.6

Rubens Ricupero

Solução para o país é o comércio Pág. 8

Adib Jatene

Os problemas da área da saúde Pág. 2

Joseph Love

Um estudo sobre a Romênia e o Brasil Pág.3

A saúde no Brasil

O cirurgião Adib Jatene diz que todos os países do mundo consideram a saúde prioridade, mas no Brasil a prioridade do discurso não se confirma na prática.



O professor Adib Jatene, cirurgião e diretor científico do Instituto do Coração (Incor), detalhou suas opiniões sobre a questão da saúde no Brasil em conferência na sala do Conselho Universitário, no dia 29 de março, dentro da programação de atividades do IEA.

Jatene disse que é "razoavelmente simples" provar que a saúde não é um setor prioritário no Brasil: "basta olhar, de um lado, o que acontece com as greves dos trabalhadores do setor e, de outro, o descaso do governo federal em relação à saúde, principalmente em termos de recursos financeiros aplicados no atendimento à população".

Quanto às greves frisou que são as mais demoradas e de maior adesão. "Se o setor fosse realmente prioritário isso não aconteceria." Em relação ao governo, disse que as autoridades econômicas usam artifícios para que toda a área seja financiada com recursos da Previdência Social. Isso é um "equivoco brutal, pois com 136 milhões de habitantes e 12 milhões de aposentados é absolutamente impossível que os recursos disponíveis sejam suficientes para um atendimento razoável à população".

Industrialização

A situação se agravou com a criação de uma poderosa indústria de equipamentos e medicamentos, comentou. As empresas criam mercado de trabalho com salários melhores e, o que é mais importante, colocam à disposição de médicos e pacientes recursos indispen-

sáveis ao diagnóstico e ao tratamento, porém, "não é absurdo dizer que a medicina não está mais sob o comando dos médicos, mas sim das indústrias e dos complexos médico-hospitalares, sejam eles dirigidos pelo Estado ou por empresários privados".

Esse comando exercido pela indústria muitas vezes se dá de forma distorcida, porque "ela utiliza técnicas de marketing que freqüentemente conflitam com o comportamento ético do exercício da medicina".

Jatene condenou também o fato de alguns laboratórios retirarem do mercado medicamentos essenciais. Exemplificou com a retirada dos anticoagulantes — cuja utilização diária é obrigatória —, que custou a vida de muitos pacientes. Esse caso "deve servir como um alerta e demonstra como o poder da indústria pode ser empregado de forma equivocada".

Ensino

Outro aspecto do problema da saúde no Brasil abordado por Jatene é o da qualidade do ensino nas escolas de medicina. Para ele, "existe uma grande distorção, desde a distribuição dessas escolas até a forma de atuação do corpo docente, passando por instalações e recursos para treinamento dos alunos".

Segundo ele, das 79 faculdades de medicina existentes no país, 32 são federais, 10 estaduais, duas municipais e 35 particulares. Das federais, cinco estão no Rio Grande do Sul, quatro em

Minas Gerais, três no Rio de Janeiro, duas na Paraíba e uma em cada um dos 17 outros estados e no Distrito Federal. Já as escolas particulares, uma está na Bahia e as demais nos estados do Sudeste e do Sul.

Dos 41 distritos geoeeducacionais determinados por lei, alguns contam com uma faculdade para cinco ou seis milhões de habitantes, e quando se considera o número de vagas a discrepância é ainda maior, comentou. "Não existe, portanto, critério na distribuição, autorizando a suposição de que outros interesses estiveram em jogo."

Ele criticou também a existência de faculdades com receita proveniente exclusivamente das mensalidades dos alunos e onde não existem instalações médico-hospitalares assistenciais capazes de oferecer o treinamento adequado.

Risco

Jatene abordou ainda a proliferação de instituições de ensino superior que não preenchem os requisitos constitucionais, citando que só no estado de São Paulo surgiram mais 12 universidades nos últimos três anos. "Corremos o risco de vermos a criação de novas faculdades de medicina sem a anuência de nenhuma autoridade, sem qualquer critério de distribuição e, pior, com as mesmas deficiências que vêm sendo denunciadas em muitas das faculdades existentes e para as quais se reclama correção", concluiu.

Teorias econômicas na Romênia e no Brasil

O sociólogo Robert Merton encontrou na história das ciências naturais cerca de trezentos casos de descobertas científicas similares feitas por cientistas diferentes de forma simultânea. Ele concluiu que a descoberta científica isolada é uma exceção, devendo-se levar em maior consideração os processos sociais que intervêm no trabalho científico. Processos sociais semelhantes poderiam, então, ocasionar formulações científicas parecidas em locais diferentes e mesmo em épocas diferentes.

Com as teorias econômicas parece ocorrer o mesmo, segundo o historiador Joseph Love, da University of Illinois (EUA), atualmente professor visitante do IEA, onde está redigindo um livro com o título provisório "A Teorização do Subdesenvolvimento na Romênia e no Brasil".

No final da década de 70, Love estava em São Paulo escrevendo um estudo sobre a história econômica e política paulista (publicado no Brasil com o título "A Locomotiva: São Paulo na Federação Brasileira", 1982) e se interessou pelo problema econômico da oposição centro/periferia, presente na relação de São Paulo com o resto do Brasil. A partir daquela época, ele passou a pesquisar a questão nos trabalhos de Raúl Prebisch — economista argentino e um dos fundadores da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina da ONU) — e nos trabalhos da escola "estruturalista", com ênfase especial nas contribuições brasileiras.

Depois, ao estender sua pesquisa à esfera internacional, Love descobriu que um economista romeno chamado Mihail Manoilescu havia sido muito importante para as concepções ideológicas do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, entidade antecessora da Fiesp. Roberto Simonsen e outros industriais paulistas chegaram a mandar traduzir um livro de Manoilescu chamado "Teoria do Protecionismo e da Permuta Internacional". Uma das teses de Manoilescu era de que a troca de produtos agrícolas por bens industriais fora muito desvantajosa para os países subdesenvolvidos e, portanto, eles deveriam se industrializar.

Por causa dessa ligação "quase genética" das teorias econômicas estruturalistas da América Latina do pós-guerra com as idéias de Manoilescu, desenvolvidas no período entreguerras, e por ter encontrado concepções bem parecidas mas independentes no Brasil e na Romênia, Love resolveu fazer um estudo comparativo sobre as teorias



"A Europa Oriental no período entreguerras pode ser considerada um proto-Terceiro Mundo dadas as suas características: muitos novos países superpovoados, agrários e pobres".

econômicas empregadas nos dois países neste século. Na verdade, diz o historiador, "pode-se chamar a Europa Oriental no período entreguerras de um proto-Terceiro Mundo, dadas as suas características: muitos novos países superpovoados, agrários e pobres".

Estudando as idéias de Prebisch, Love descobriu que alguns elementos da teoria do economista tinham raízes na década de 30. "Tenho certeza que Prebisch conheceu as idéias de Manoilescu, mas parece que os dois partiram de hipóteses semelhantes (mas distintas) e chegaram às mesmas conclusões sobre a necessidade de os países subdesenvolvidos se industrializarem", ressaltou.

De acordo com Love, várias obras de Manoilescu foram traduzidas na América Latina, tendo exercido maior influência no Chile e no Brasil. "Interessante notar que exatamente nesses dois países as teorias da Cepal tiveram mais força em nível de Estado." Nos governos de Juscelino Kubitschek e Eduardo Frei essas teorias foram muito citadas e alguns economistas tentaram aplicar algumas idéias sobre a industrialização e também a teoria estruturalista de combate à inflação, comentou.

Love considera que a primeira geração de economistas estruturalistas brasileiros fez importantes erros de análise, que no início dos anos 60 já eram identificados. "O próprio Prebisch já estava criticando o fato de a preocupação com o processo de industrialização não incluir um detalhamento

de quais indústrias eram viáveis ou não-viáveis", disse.

Celso Furtado, um dos economistas de destaque dessa geração, foi influenciado, na opinião de Love, pelo estruturalismo francês, que tinha algumas origens corporativistas, e pelo keynesianismo. Ele lembra que Furtado foi aluno de François Perroux, "talvez o maior economista francês deste século e colega de Manoilescu".

É interessante notar, observou Love, que ao estender a tese centro/periferia à economia brasileira, Furtado construiu um modelo quantitativo sobre "colonialismo interno", bem semelhante ao modelo de Manoilescu sobre a Romênia, sem conhecer a existência da monografia do romeno.

Love acredita que os países latino-americanos cometeram nos anos 50 o mesmo erro que a Romênia do entreguerras, isto é, tentaram promover a industrialização em todas as áreas em vez de selecionar os setores prioritários: "tentaram fazer tudo e fizeram mal".

Entretanto, apesar de aceitar a opinião de que as teses estruturalistas estão defasadas, ele acredita que o quadro atual demonstra o quanto elas ainda contêm de aspectos pertinentes. "Hoje se questiona de forma enfática a intervenção estatal na economia, porém mesmo o estado norte-americano controla de 30 a 35% do produto nacional", concluiu.

Veja na programação (pág. 4) informações sobre a conferência que Joseph Love dará sobre o tema no IEA.

Conferência do Mês

Otto Richard Gottlieb, professor titular do Instituto de Química da USP, tentará justificar porque um conceito de seleção natural, base de uma vasta literatura científica publicada nos últimos 25 anos, não pode ser considerado provado. De acordo com esse conceito, seleção natural serve como mecanismo pelo qual uma população de herbívoros pode eliciar a evolução, no vegetal depredado, de um caminho biossintético produzindo metabolitos ditos secundários, tóxicos para o herbívoro. Esse ponto de vista é aceito com facilidade, pois é o preceito da ecologia moderna não ser razoável o "gasto" de energia para a produção de metabolitos secundários, a não ser que confira uma vantagem com respeito da adaptação.

Gottlieb disse que pretende clarificar a função dos metabolitos secundários e com isso o mecanismo da inter-relação planta herbívoro, por uma atribuição de forças propulsoras endógenas versus exógenas aos estágios discretos de todo o processo de diferenciação metabólica.

PROGRAMAÇÃO IEA - MAIO/JUNHO 1990

| DIA | HORÁRIO | TEMA | CONFERENCISTA | ÁREA/GRUPO |
|------------------------|---------|---|---|---|
| 03, 17 e 31/05 e 14/06 | 21h | A EFICÁCIA DA PSICANÁLISE ¹ | Jorge Forbes | Psicanálise e Conexões |
| 04/05 | 8h30 | MULTIPARTIDARISMO E DEMOCRACIA NO BRASIL | Alexandrina Sobreiro (Fundação Joaquim Nabuco), Luciano Martins (Unicamp) | Mesa-Redonda |
| 10/05 | 17h | MEDIAÇÃO QUÍMICA EM CO-EVOLUÇÃO PLANTA HERBÍVORO ² | Otto Richard Gottlieb (Instituto de Química/USP) | Conferência do Mês |
| 10 e 24/05 07/06 | 22h | ESTÉTICA E HISTÓRIA DA MÚSICA COMO REFLEXO DAS MUTAÇÕES DA CONSCIÊNCIA HUMANA | Hans-Joachim Koellreuter | Ciclo de Palestras |
| 17/05 | 15h | A QUESTÃO AMBIENTAL E O CONTEXTO INTERNACIONAL | Konrad Von Moltke (Editor do International Environmental Affairs Journal) | Ciências Ambientais e Assuntos Internacionais |
| 22/05 | 14h | FUTEBOL: HISTÓRIA, PERSPECTIVAS E ALTERNATIVAS | José Sebastião Witter (FFLCH/USP) | Mesa-Redonda |
| 23/05 | 15h | ESTRUTURALISMO ECONÔMICO NA ROMÊNIA E NO BRASIL: PARALELOS OU DERIVAÇÕES | Joseph Love | História das Ideologias e Mentalidades |
| 24/05 | 17h | A FILOSOFIA NA INVENÇÃO DA RELATIVIDADE RESTRITA DE EINSTEIN | Michel Paty (Professor Visitante da FFLCH/USP) | Política Científica e Tecnológica |
| 28/05 | 16h | OS ESTUDOS LATINO-AMERICANOS NOS EUA: MODELO E ANTI-MODELO ³ | Richard Morse (Wilson Center - USA) | História das Ideologias e Mentalidades e Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam) |
| 29/05 | 14h | ECONOMIA DA CULTURA E DA COMUNICAÇÃO: CONTRIBUIÇÃO A UMA ANÁLISE TEÓRICA | Alain Herscovici (Univ. de Paris I - Panthéon Sorbonne) | História das Ideologias e Mentalidades |
| 30/05 | 16h | PADRÕES DE MUDANÇA TECNOLÓGICA NA AGRICULTURA BRASILEIRA | Guilherme Dias (FEA/USP) | Economia da Biotecnologia |
| 31/05 e 1º/06 | 14h | ANÁLISE DE QUESTÕES METACIENTÍFICAS | Jorge de Albuquerque Vieira (UFRJ) | Lógica e Teoria da Ciência |
| 05/06 | 14h | VILLE, VIOLENCE, DESORDRE ET COHERENCE | Ives Lemoine (França) | Assuntos Internacionais e Estudos Urbanos |
| 06/06 | 14h | AMAZÔNIA COMO JAZIDA DE KILOWATTS: PREJUDICADOS, DISCORDANTES E ESPECTADORES | A. Oswaldo Sevá F ^º | Ciências Ambientais |
| 11/06 | 10h | OS ESTUDOS LATINO-AMERICANOS NA BIBLIOTECA DO CONGRESSO DOS EUA | Dolores Martin (Library Congress - USA) | História das Ideologias e Mentalidades |
| 13/06 | 16h | AValiação DA POLÍTICA DE C&T NA ÁREA DE QUÍMICA | Maria Ap. Hugo Cagnin | Política Científica e Tecnológica |

LOCAL: sede do IEA, exceto: 1 - Faculdade de Saúde Pública da USP; 2 - Sala do Conselho Universitário da USP; 3 - Anfiteatro das Colméias da USP



A Filosofia em Einstein

Um dos fatores apontados pelos historiadores da ciência como grande responsável pela formulação da teoria da relatividade restrita teria sido a adesão de Einstein à filosofia, afirma o professor Michel Paty, diretor do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França. Especialista em história e filosofia da ciência, Paty fará três conferências no IEA sobre o tema central "Einstein, física, matemática e filosofia", sendo que a primeira está marcada para o dia 24, às 17h, na sede do IEA.

Paty observa que ao analisar o conjunto da obra de Einstein chega-se à conclusão de que, apesar de não ter sido um filósofo profissional, "Einstein era verdadeiramente um filósofo". "A maneira como ele se aproximou de problemas específicos da física, como o das leis da eletrodinâmica, mostra um 'estilo científico' bem particular e revela a dimensão filosófica da física." O professor francês afirma que Einstein foi levado a analisar o alcance epistemológico de suas proposições científicas, sobretudo quando estabeleceu relações entre a física (relatividade geral) e a geometria.

Em suas conferências, Michel Paty discutirá as correlações entre as "concepções filosóficas" de Einstein e as de Riemann, Helmholtz, Poincaré e dos filósofos, de Kant aos positivistas lógicos. As objeções de Einstein em relação à interpretação de Copenhague da mecânica quântica também serão discutidas.

Estudos latino-americanos nos EUA

O que caracteriza os estudos sobre os países latino-americanos desenvolvidos nos Estados Unidos? Em que medida eles se constituem em modelo ou antimitelo para

um projeto de integração da América Latina? A conferência que o professor norte-americano Richard Morse (foto) fará no dia 28, às 16h, no Anfiteatro das Colméias, pretende responder a essas e outras indagações. Como secretário do Programa Latino-Americano do Wilson Center (Washington, EUA), Morse já analisou diversas propostas e

resultados de pesquisas sobre os países latino-americanos na área das ciências sociais em geral. O evento integra o programa de atividades da Área de Concentração História das Ideologias e Mentalidades do IEA e conta com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam) da USP.

No dia 11 de junho próximo, às 16h, na sede do IEA, a professora norte-americana Dolores Martin realiza a conferência "Os Estudos Latino-Americanos na Biblioteca do Congresso dos EUA". A professora é editora do prestigioso "Handbook for Latin American Studies", obra de referência imprescindível para todo latino-americanista. Em sua conferência, ele falará sobre como e porque a Biblioteca do Congresso Americano se tornou, nos últimos anos, um dos principais centros de estudos latino-americanos dos Estados Unidos.

A Copa do Mundo na Itália

No dia 22, às 14h, o IEA realiza em sua sede a mesa-redonda "Futebol: história, perspectivas e alternativas", coordenada pelo historiador José Sebastião Witter (USP) e com a presença de Alfredo

Bosi (USP), Michel Debrun (Unicamp), Carlos Guilherme Mota (USP), Juca Kfoury (Rede Globo), Moacir Japiassu (Editora Abril) e Roberto Avalone (Jornal da Tarde), entre outros.

Quanto à Copa do Mundo na Itália, Witter disse que ela poderá ser a última Copa realizada nos moldes tradicionais. "Nunca mais o futebol será o mesmo depois da pasteurização das redes de televisão daquele país. Para ele, "a Copa da Itália poderá ser um marco na história do futebol mundial". Essa e outras questões, como as dimensões históricas, culturais e sócio-econômicas do futebol, serão debatidas na mesa-redonda, informa Witter.



estudos AVANÇADOS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Reitor: Roberto Leal Lobo e Silva Filho
Vice-Reitor: Ruy Laurenti

INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS

Conselho Diretor: Jacques Marcovitch (diretor), Alfredo Bosi (vice-diretor), Carlos Guilherme Mota, Geraldo Forbes, Gerhard Malnic e Paul Singer.

Assistente Técnico Acadêmico: Rubem Affonso Beltrão Junior.

Equipe de Redação: Mauro Marcos de Oliveira Bellesa (responsável), Dario Borelli e Marco Antonio Coelho.
Diagramação, Composição, Arte-Final, Frotas e Impressão pela Divisão de Artes Gráficas da Coordenadoria de Comunicação Social da USP.

INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA USP
Av. Prof. Luciano Gualberto, Travessa J, 374, térreo, Cidade Universitária, CEP 05508, São Paulo, SP.
Telefone: 813-3222, ramais 2519 e 2730.

ENRIQUE AMAYO ZEVALLOS*

"O Plano Collor... se tem algum erro, é por esse lado heterodoxo, esse controle de preços e salários..." (Raúl Salazar, chefe da equipe econômica de Mario Vargas Llosa — "Folha de S. Paulo", 08.04.90).

O primeiro turno das eleições gerais (presidenciais, de senadores e deputados e para as assembleias regionais) do Peru aconteceu dia 8 de abril. No início de março, Alberto Fujimori, candidato presidencial do Movimento Independente Cambio 90, tinha 1% das intenções de voto, no primeiro turno conseguiu cerca de 28% e uma pesquisa de 23 de abril indicava que se o segundo turno fosse naquele dia ele ganharia com 51% dos votos. Seu rival nesse turno, o escritor Mario Vargas Llosa, candidato da Frente Democrática (Fredemo), nas mesmas datas tinha cerca de 40, 30 e 38%. O orçamento de Fujimori para propaganda foi de alguns milhares de dólares; o de Vargas Llosa, de alguns milhões.

Alberto Fujimori começou sua carreira de professor como "auxiliar de ensino" em meados dos anos 60. Engenheiro agrônomo de formação e matemático, lecionava na Universidade Nacional Agrária (UNA). Era excelente professor e aparentava muito pouco interesse pela política. Naquela época, parte do melhor da *intelligentia* peruana trabalhava na UNA. Mas a Universidade foi invadida pelo exército em 1972. Sua excelente Faculdade de Economia e Ciências Sociais foi fechada e sua elite intelectual expulsa.

Desde 1980, há uma guerra civil silenciosa com milhares de mortos

Fujimori continuou sua carreira na UNA. Fez pós-graduação em Winsconsin e Estrasburgo. No início da campanha presidencial era reitor da Universidade (em sua gestão permitiu que os expulsos de 72 retornassem). Também foi presidente da Assembleia Nacional de Reitores. Sua carreira acadêmica tem que ser qualificada como brilhante.

Seu ingresso na política é recente, data da época da organização do Movimento Independente Cambio 90. O nome desse movimento sugere que o ecletismo ideológico pode ser sua marca de distinção. Ecletismo que poderia ser interpretado como centrismo; talvez essa seja uma das razões de seu sucesso. Sucesso porque o primeiro turno mostrou que o centro foi o ganhador, e provavelmente ganhará também o segundo. Num país como o Peru, ex-

A sucessão presi

tremamente politizado e onde há anos se travam batalhas — algumas com muitos mortos — em nome de purezas ideológicas de todos os tipos, o ecletismo, interpretado como centro, pode resultar numa novidade.

Repare-se a epígrafe deste texto: o principal assessor econômico de Vargas Llosa critica o Plano Collor por não ser *absolutamente ortodoxo*; Salazar critica *sua falta de pureza*. Vargas Llosa se considera *o teórico* do neoliberalismo, da nova direita, não apenas do Peru, mas da América Latina. Ele aparece feliz ao lado de Margaret Thatcher, Ronald Reagan, poderosos industriais japoneses etc. e promete um plano sem concessões à heterodoxia: reduzirá o Estado ao mínimo-mínimo, lançará milhares de funcionários ao desemprego, reduzirá de forma drástica a proteção do Estado a atividades como o ensino, abrirá totalmente o país ao capital externo, privatizará quase todas as estatais etc. Seu aliado é o grande capital, isto é, a grande burguesia peruana *transnacionalizada* e as multinacionais estrangeiras que investiriam no Peru caso as restrições fossem mínimas. Além disso, o liberalismo radical de Vargas Llosa no plano econômico caminha junto, como em quase todos os projetos liberais do Terceiro Mundo, com promessas de repressão no plano político. Por exemplo: um dos problemas mais agudos do Peru de hoje são as guerrilhas do Sendero Luminoso e do Movimento Revolucionário Tupac Amaru. Vargas Llosa oferece como solução a ação *militar* (não a política), com o apoio crescente de assessores dos EUA. Ou seja: oferece aumentar a guerra, a violência, as mortes. É certo que isso gera *medo* nos setores populares.

Fujimori não tinha programa, pois não imaginava chegar tão longe

Se Vargas Llosa está na extrema direita, na esquerda está o Sendero. Este proclama, no fundo, que existe para lutar pela pureza da revolução. Na ótica de seus integrantes, *todos* ou *quase todos*, no Peru e no mundo, trafram a revolução. Em conseqüência, não existe possibilidade de fazer aliados: só existem inimigos. E os inimigos devem ser destruídos. Suas ações sangrentas provocaram uma reação ainda mais sangrenta das Forças Armadas e o aparecimento de esquadrões da morte de direita. Ou seja, desde 1980, há quase



Alberto Fujimori

uma guerra civil silenciosa, com milhares de mortos. O Sendero considera as eleições uma "farsa burguesa" e decretou ações terroristas (portanto, mais mortes) para tentar evitá-las. Sua pureza revolucionária também gera *medo*. Ao medo soma-se a decepção.

A Apra (Ação Popular Revolucionária Americana), de centro-direita, é um dos partidos social-democratas mais antigos do continente (foi fundado em 1924). Pela primeira vez ganhou a presidência e conseguiu, novamente, maioria no Legislativo em 1985. Mas sua administração contraditória foi uma das piores da história peruana. A esquerda oficial, não-senderista e situada no centro-esquerda, representada por Esquerda Unida, dividiu-se antes das eleições. Por dez anos coeso, há um ano o partido era a segunda força política no país, com quase 1/3 das opções de voto. Há seis meses, em nome da pureza ideológica, foi eliminado seu candidato natural Alfonso Barrantes, que formou a Esquerda Socialista. No primeiro turno, os dois partidos juntos somaram cerca de 10% dos votos. A Apra e a esquerda oficial decepcionaram muitos eleitores.

E que forças sociais apoiam Fujimori? Seu candidato a primeiro vice-presidente é o presidente da Associação da Pequena e Média Indústria do Peru. Também tem o apoio da Associação Nacional de Vendedores Ambulantes. Ou seja, estão com ele a pequena e

dencial no Peru



Mario Vargas Llosa

média burguesia nacional industrial e comercial. Além disso, o católico Fujimori conseguiu o apoio militante do Conselho Nacional Evangélico do Peru (seu candidato a segundo vice-presidente é o presidente desse conselho). Os evangélicos constituem 4% da população peruana e são, como os do resto do mundo, quase incansáveis no trabalho: realizaram uma campanha porta-a-porta em todo o país. Mas Fujimori não foi o candidato dos descendentes de japoneses. Eles votaram divididos; provavelmente a maioria é conservadora e votou em Vargas Llosa.

A Fredemo começou a usar um dos recursos mais sujos: o racismo

E o programa? Não se conhece. Parece que o partido de Fujimori não tinha um, pois não imaginava ir tão longe. Sabe-se, isto sim, que ele não é contra os investimentos externos; mas estabelece limites: setores estratégicos que dependerão do Estado (petróleo, mineração, recursos hídricos, telecomunicações etc.). Em relação às guerrilhas, considera que sua causa é a pobreza e que os militares precisam de apoio logístico externo para combatê-las.

Com muita demagogia, Fujimori diz que trará investimentos do Japão. Se os

japoneses investirão ou não no Peru isso dependerá exclusivamente dos cálculos dos lucros que possam retirar. Mas até nisso Fujimori saiu-se bem. Parte da gigantesca propaganda de Vargas Llosa dizia que ele traria grandes investimentos japoneses; mostrava o Japão como símbolo da modernidade e eficiência. Nessas circunstâncias, foi fácil para Fujimori usar quimono e sugerir, em sua reduzida propaganda, que não há ninguém mais qualificado do que ele para realizar essa tarefa. Talvez realmente Fujimori consiga dinheiro do Japão. Não das multinacionais, mas do Estado e de organizações não-governamentais.

Os descendentes de japoneses agora fecham fileiras com Fujimori

Quase desesperado diante dessa situação, a Fredemo começa a usar um dos recursos mais sujos: o racismo. A frente representa os interesses da grande burguesia peruana, que autoqualifica-se como "branca" e defensora da civilização ocidental e cristã. Mas o Peru é um país etnicamente misturado, onde às dezenas de etnias e nacionalidades nativas do Império Inca juntaram-se os conquistadores espanhóis acompanhados de muitos escravos africanos. Na metade do século XIX chegaram dezenas de milhares de chineses e, depois, europeus (italianos, alemães, suíços etc.). Finalmente, desde os anos 80 do século passado, chegaram os japoneses. O Peru é, na América Latina, o país que relativamente tem o maior número de descendentes de japoneses.

A grande burguesia peruana, como todas as da América Latina, tende a ser racista. E a Fredemo enfrenta agora alguém que, claramente, não é branco nem ocidental. Assim, nas manifestações da frente começaram a surgir gritos como "Mario Vargas Llosa presidente e o chino seu servente". Como os "chinos" (chineses) chegaram antes dos japoneses, a palavra é usada para todos os orientais. Os "chinos" chegaram a trabalhar como serventes da grande burguesia, e a Fredemo quer lembrar isso como "glorioso". Mas também aí o tiro pode sair pela culatra. O fato é que a maioria da população do Peru, formada por mestiços com índios (os "cholos") começa a se identificar com Fujimori. Os vendedores ambulantes (quase todos "cholos") chegaram a atirar suas frutas em uma das mani-

festações racistas da Fredemo. Isso pode-se tornar explosivo. E assusta os nisseis.

Agora eles estão fechando fileiras com Fujimori, pois se lembram de 1941, quando os Estados Unidos acreditavam que o Japão poderia invadir o Peru para transformá-lo numa base de operações militares. Na ocasião, o serviço de inteligência norte-americano e o governo peruano mobilizaram, com dinheiro, os populares contra os nisseis (que então quase não se misturavam com os peruanos). Finalmente, num dos dias de terror, quase todos os negócios de japoneses no Peru foram saqueados e, depois, muitos foram levados como prisioneiros para a Califórnia.

A lógica e a estatística dizem que Fujimori será o ganhador

O Peru é o país mais ocidental da América do Sul, portanto, o mais próximo do Japão. Seus vínculos com os japoneses são antigos. Se for eleito presidente um nissei, o Peru pode-se transformar num país de relativa importância geopolítica.

A lógica e a estatística dizem que Fujimori será o ganhador. A esquerda nunca votará em Vargas Llosa (e conta com 10% dos votos), os eleitores da Apra também dificilmente votarão nele (são quase 19%) e o próprio Fujimori conseguiu 28%. A lógica diz que ele vencerá, mas a Fredemo acha que qualquer recurso é válido para ganhar. O Sendero Luminoso também usará seus métodos sangrentos para interromper a "farsa burguesa" (o Movimento Revolucionário Tupac Amaru não, já que prega apenas o voto em branco). Fujimori enfrentará momentos muito difíceis até o segundo turno (e depois).

Fujimori não é socialista, não é esquerdista; representa uma burguesia nacional média. Ele está ganhando. Até o momento os grandes perdedores são Vargas Llosa e o Sendero Luminoso.

Por enquanto o perigo maior de guerra, de banho de sangue sem limites, de "solução 600 mil" (de forma velada, a extrema direita diz que será preciso matar 600 mil pessoas para acabar com a guerrilha) está afastado. Se o segundo turno confirmar o primeiro, ninguém terá maioria e os partidos terão que dialogar a procura de soluções. Parece ser essa a mensagem dos eleitores peruanos, que estão com medo e decepcionados mas querem soluções não-violentas.

(*) Doutor em história, professor da Unesp e professor visitante do IEA.



Jorge Marinho/Agência USP

Rubens Ricupero: a qualidade das relações comerciais do Brasil com seus parceiros é que determinará a resposta da comunidade internacional aos planos de desenvolvimento do País.

O comércio como opção

A geração atual vive a morte de um mundo e o nascimento de outro com a superação da estrutura resultante da Segunda Guerra Mundial, afirmou Rubens Ricupero, num seminário sobre "Os Novos Equilíbrios Internacionais e o Papel dos Países Intermediários" realizado no IEA, em 30 de março. "Nesse mundo áspero, sem filantropia, na inserção do Brasil — para obter créditos, investimentos, mercados e tecnologia —, o papel decisivo e o melhor instrumento de que dispomos é desempenhado pelo comércio", acrescentou o embaixador brasileiro no GATT (Acordo Geral sobre Tarifas Aduaneiras e Comércio).

Para ele, só agora os analistas estão se apercebendo que há uma realidade que não é apenas uma nova fase da distensão, mas um quadro internacional qualitativamente diverso. Argumentou que o confronto mortal entre as alianças rivais da Otan e do Pacto de Varsóvia chegou ao fim e que a paz mundial parece enfim possível, com o término da guerra fria e do bipolarismo.

Novos temas

Ricupero assinalou que cinco questões irão dominar o cenário neste fim de século: direitos humanos, meio ambiente, drogas, ressurgimento dos nacionalismos e comércio. Julgando que entre os países ricos existe consenso sobre as três primeiras, acha que a tensão em torno desses pontos aparece mais nas críticas ao Terceiro Mundo, encobrendo pressões para o "exercício do poder e da dominação".

Detendo-se na questão do comércio, o diplomata indicou como o intercâmbio mercantil "redesenha o novo mapa das alianças e das hostilidades" no planeta. Exemplificou com o fato de hoje o público norte-americano substituir a União Soviética pelo Japão no papel de inimigo principal dos Estados Unidos. Todavia, na sua opinião, o comércio libera uma poderosa força de integração e progresso e nos últimos anos cresceu, em nível mundial, a taxas bastante superiores ao aumento do produto.

Conflito Norte-Sul

Quanto ao comportamento dos sete países mais desenvolvidos, Ricupero ressaltou que até hoje eles não se sensibilizaram ante os dramáticos problemas dos países em desenvolvimento, como a dívida externa. Por isso é preciso repensar o projeto brasileiro e das nações que se encontram em situação semelhante, dando ênfase ao comércio internacional. Porque o que se vê é a assustadora queda da participação do Terceiro Mundo nesse comércio: entre 1985 e 1988, houve um recuo de 24 para 20% no total das exportações mundiais.

Única opção

Criticando a pouca prioridade que se dá no Brasil ao comércio externo, o embaixador mostrou que a qualidade das relações comerciais do País com seus parceiros é que determinará a res-

posta da comunidade internacional aos planos brasileiros de desenvolvimento. Para Ricupero o potencial do mercado interno continuará sendo a principal mola impulsionadora do progresso brasileiro. Mas, ao lado da política de estabilização monetária, de forma simultânea e coordenada, deve-se avançar no esforço pela liberalização cambial e comercial do Brasil.

Assim, a única opção é saber negociar para tornar maior e melhor a integração do Brasil na economia mundial. Negociar sem complexo de inferioridade e sem paranóia, de forma realista e objetiva, mas com tenaz espírito de barganha.

Concordando com a exposição de Rubens Ricupero, o economista Pedro Malan, do Banco Mundial, acrescentou outros dados sobre o quadro atual das relações internacionais. Enfatizou que no ano passado ganharam maior vulto os conflitos econômicos entre as nações industrializadas, notadamente entre os Estados Unidos e o Japão.

Considera que os países ricos estão se distanciando ainda mais do Terceiro Mundo, em termos de desenvolvimento econômico e social, o que se comprova com a diminuição da renda per capita nos países pobres. Indicou que num país como o Brasil tem que se levar em conta três dicotomias: interesses nacionais versus interesses internacionais; interesses públicos versus interesses privados; e interesse pela eficiência versus interesse pela equidade.